

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O FIMFA
16 de maio de 2022

LA DOUBLE VIE DE VÉRONIQUE / 1991

(A Dupla Vida de Véronique)

um filme de Krzysztof Kieslowski

Realização: Krzysztof Kieslowski / **Argumento:** Krzysztof Kieslowski e Krzysztof Piesiewicz / **Direção de Fotografia:** Slawomir Idziak / **Design de Produção:** Patrice Mercier e Halina Dobrowolska / **Direção Artística:** Krzysztof Zanussi / **Guarda-Roupa:** Laurence Brignon, Claudy Fellous e Elzbieta Radke / **Música:** Zbigniew Preisner / **Som:** Edith Vassard, Michèle Catonne, William Flageollet, Jean-Pierre Lelong, Mario Melchiori, Jack Jullian e Patrice Severac / **Montagem:** Jacques Witta / **Interpretação:** Irène Jacob (Weronika/Véronique), Halina Gryglaszewska (tia), Aleksander Bardini (maestro), Wladyslav Kowalski (pai de Weronika), Jerzy Gudejko (Antek), Jan Sterninski (advogado), Philippe Volter (Alexandre Fabbri), Sandrine Dumas (Catherine), Louis Ducreux (professor), Claude Duneton (pai de Véronique), Lorraine Evanoff (Claude), Guillaume de Tonquedec (Serge), Gilles Gaston-Dreyfus (Jean-Pierre), Alain Frerot (carteiro), etc.

Produção: Sideral Productions – Le Studio Canal + – TOR Production – Norsk Film / **Produtor:** Leonardo de la Fuente / **Co-Produtor:** Ryszard Straszewski / **Produtores Executivos:** Bernard-P. Guiremand e Ryszard Chutkowski / **Cópia:** DCP, colorida, legendada em português, 97 minutos / **Estreia em Portugal:** King 3, a 11 de Setembro de 1992.

Sessão apresentada por Luís Vieira, Diretor Artístico do FIMFA Lx - Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas

Krzysztof Kieslowski morreu no auge da sua popularidade internacional. A sua carreira começara há mais de vinte anos mas o seu nome e os seus filmes poucas vezes tinham ultrapassado as fronteiras da Polónia. O primeiro passo nesse sentido foi dado pela série de **O Decálogo**, co-financiada por uma produtora alemã, que foi exibida em inúmeras estações de televisão de todo o mundo, familiarizando as audiências ocidentais com o nome de Kieslowski. O sucesso da série, tanto crítico como comercial, abriu em definitivo a porta a Kieslowski, permitindo-lhe rodar este **La Double Vie de Véronique**, sempre em regime de co-produção mas já decisivamente ambientado fora da Polónia. Depois, seguir-se-ia a consagração planetária com a trilogia das “Três Cores”, **Azul**, **Branco** e **Vermelho**, tendo-lhe este último filme valido mesmo uma nomeação para os Oscars. A essa consagração pública correspondeu, como é habitual em situações semelhantes, um aprofundar das divergências críticas em relação à sua obra: a propósito de **Vermelho**, por exemplo, foram quase tantos os que falaram de “obra-prima” como os que referiram tratar-se da mera repetição de uma fórmula já gasta. Aparentemente indiferente a tudo isto, Kieslowski anunciava a sua retirada e recolhia-se na sua Polónia natal, para “pintar e fumar” até ao resto dos seus dias. Um

"resto" que foi curto, como se sabe, mas que ainda deu para, conforme afirmações de amigos próximos, começar a preparar uma nova trilogia.

La Double Vie de Véronique, sendo uma co-produção, foi um filme deliberadamente preparado tendo isso em conta; ou seja, sabendo que iria ter que se dividir entre ambientes e personagens polacos e franceses, Kieslowski concebeu uma história que já incorporasse essa exigência, hábil procedimento para contornar os equívocos em que cai tanto "cinema europeu" apanhado em plena "no man's land" do quase obrigatório regime de co-produção. Tendo essa questão em conta, o ponto de partida do filme é bastante simples: duas raparigas, uma francesa e uma polaca, nasceram exactamente no mesmo dia e as suas vidas estão intimamente ligadas por misteriosos fios mais ou menos subterrâneos. A exploração da ideia do "duplo", aliás salientada pela profusão de superfícies espelhadas que constantemente "dobram" a imagem. A partir daqui a história complica-se, a tal ponto que se torna difícil decidir se trata de facto de uma só história ou se, na verdade, são duas histórias diferentes geradas a partir de um eixo comum. Aliás, e a este respeito, o próprio Kieslowski falou num certo carácter "aleatório" do filme: passou por vinte montagens até àquela que prevaleceu e foram rodados sete finais diferentes, não tendo o cineasta conseguido decidir qual o mais justo – não ficou sequer convencido com o que acabou por incluir no filme.

Mas essa indecisão acaba por reflectir o carácter extremamente "móvel" dos filmes de Kieslowski: a sua construção assenta invariavelmente num conjunto de coincidências, e numa estrutura dominada pelo acaso. As suas personagens estão unidas por paralelismos e relações de cumplicidade nunca completamente esclarecidas – e por vezes transportadas de filme para filme – que fazem pressupor a existência de um Destino já traçado que se limita a esperar por cada uma das personagens. No fundo, a interrogação presente em cada filme de Kieslowski equaciona a possibilidade de as personagens se esquivarem ao Destino que sobre elas se abate. Em **La Double Vie de Véronique** Kieslowski "resolve" muito cedo a história da personagem polaca, fazendo então recair sobre a francesa o peso desse epílogo: o espectador passa a ver essa personagem como assombrada por um destino, por ela pressentido, e a essa luz tudo se transforma na sua luta contra ele. De certa forma, tudo se passa como se o agnóstico Kieslowski identificasse a ideia de "Destino" com o temor da existência de um Deus cruel e com efectivos poderes condicionantes da vida dos seres humanos. No limite, é nessa questão que reside o sentido último da obra de Kieslowski.

A esse respeito, **La Double Vie de Véronique** é um filme emblemático, se bem que se possa ver em **Trois Couleurs: Rouge** a mais perfeita formulação destas principais linhas temáticas do cineasta. Mas ao mesmo tempo é difícil ver cada filme de Kieslowski como uma entidade separada dos outros, tantos são os prolongamentos e as correspondências. Como se Kieslowski tivesse criado um mundo fictício exclusivo – o compositor Von den Budenmayer, por exemplo, é uma "invenção" presente em vários filmes – que cada filme fosse completando. Nesta perspectiva Kieslowski é bastante aproximável de Jacques Demy, outro cineasta cuja obra se desenrola sobre a égide do "acaso" e onde também pontificam prolongamentos e correspondências. Kieslowski seria assim uma espécie de "duplo" de Demy: a sua versão sombria, mesmo quando é jubilatório, por contraponto à luminosidade de Demy, mesmo quando é trágico.

Luís Miguel Oliveira